

5. TENDÊNCIAS DA NOVA POESIA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA (2000-2008)

José António Gomes²⁸
(ESE-Instituto Politécnico de Porto)

Ana Margarida Ramos
(Universidade de Aveiro)

Sara Reis da Silva
(Universidade do Minho)



Resumo: Caracterização da produção poética portuguesa nos primeiros anos do século XXI, este texto traça as principais linhas de força da poesia contemporânea para a infância, dando conta, ainda que de forma resumida, dos autores e das tendências temáticas e formais mais relevantes. A persistência da edição e a qualidade das obras filiadas neste género remontam a uma tradição que não pode ser esquecida, constituindo um universo particularmente rico da produção literária de destinatário infantil.

Abstract: In order to characterise the Portuguese poetic production in the first years of the 21st century, this essay draws some of the main lines of strength of contemporary Children's Poetry. Relevant authors and thematic and formal trends are underlined in order to

28. José António Gomes é responsável pela parte introdutória deste texto e por algumas (não todas) as análises relativas a autores das primeiras gerações nele focadas (as dos que começaram a publicar ainda antes de 1974, mas editaram novos títulos após 1999). Redigiu ainda os enquadramentos geracionais e colaborou na redacção das conclusões. Todas as outras análises são da responsabilidade de Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva.

recognise the persistence as well as the quality of this important textual universe.

Palavras-chave: história, linguagem, literatura para a infância, poesia.

Keywords: Children's Literature, history, language, poetry.

A criação poética constituiu quase sempre um domínio nobre da literatura para a infância em língua portuguesa e vários são os poetas de relevo que lhe têm dedicado alguma atenção. Os oitocentistas João de Deus, Antero de Quental e Gomes Leal e, no século XX, o simbolista tardio, de tendência neo-romântica e nacionalista, Afonso Lopes Vieira, o modernista Fernando Pessoa, o neo-realista Sidónio Muralha, o surrealista António José Forte, e ainda Eugénio de Andrade e Manuel Alegre são nomes que importa, desde logo, recordar. Por outro lado, figuras marcantes da história da cultura portuguesa como Antero de Quental (ainda no século XIX), Alice Gomes, Natércia Rocha, Sophia de Mello Breyner Andresen e outros (na segunda metade do século XX) empreenderam a organização de importantes antologias, destinadas aos mais novos, que se, por um lado, revelaram as potencialidades de leitura por parte do público infantil de muitos poemas de preferencial recepção adulta, por outro, foram dando a conhecer a vitalidade de uma produção poética expressamente destinada à infância. Para apenas mencionar alguns nomes, Adolfo Simões Müller, Lília da Fonseca, Alice Gomes, Sidónio Muralha, Leonel Neves, Carlos Pinhão, Maria Cândida Mendonça, Mário Castrim, Maria Rosa Colaço, Eugénio de Andrade, António Manuel Couto Viana, Matilde Rosa Araújo, Maria Alberta Menéres, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, José Jorge Letria, Violeta Figueiredo e Álvaro Magalhães avultam entre os autores que, ao longo do século XX, mas sobretudo no período compreendido entre 1950 e 2000, publicaram títulos que

asseguram à poesia um espaço de assinalável vitalidade criadora na nossa produção literária dirigida aos mais jovens.

Importa, por isso, começar por fazer referência a títulos publicados por escritores com obra já editada antes de 25 de Abril de 1974 —ou seja, durante as décadas que precederam a refundação da democracia, a abolição da Censura aos livros e à imprensa e o movimento de renovação pedagógica que a Revolução de Abril potenciou—, dado que, dobrado o segundo milénio, foram vários os que viram novos títulos editados, como Castrim, Couto Viana, Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Pina, Letria e Álvaro Magalhães, entre outros.

Vinculado ao marxismo mas igualmente sensível a certo influxo ideológico de matriz cristã — *background* que, por vezes, adquire expressão subtil mas peculiar nos seus livros — Mário Castrim (1920-2002), em *Histórias com Julzo* (1969) e *Estas São as Letras* (1977), entre outros títulos, foi dos poetas que trilharam, na segunda metade do século XX, rumos mais originais no plano das formas (poema em prosa, incursões na poesia concretista). Em *A Moeda do Sol* (2006), livro de publicação póstuma, lega-nos um conjunto de composições em que a família, a Natureza, os animais e as paisagens são alvo de um olhar atento e perscrutante, capaz de compreender — às vezes só inquirir — o âmago das coisas e de as perspectivar para lá das aparências mais óbvias. Acrescente-se que a linguagem, habilmente trabalhada, sublinha o jogo poético que é cada um dos textos, com a linearidade e a simplicidade aparentes a traduzirem, em alguns poemas, verdadeiras reflexões filosóficas sobre a existência humana e sobre a infância.

O Livro da Tila (1957), *O Cantar da Tila* (1967), *A Guitarra da Boneca* (1983), *Mistérios* (1988), *As Fadas Verdes* (1994), *Segredos e Brinquedos* (1999) são títulos que impuseram Matilde Rosa Araújo (1921-) como uma das vozes mais singulares da poesia portuguesa de destinatário infantil, numa escrita que constitui uma síntese moderna de várias tradições, nomeadamente a do cancionero popular e a da lírica medieval galaico-portuguesa, a que vêm juntar-se ecos de

Lorca e uma visão do mundo atenta ao que é aparentemente insignificante, muito sensível contudo ao sofrimento humano, mas também aos júbilos e ao ludismo da infância e, por vezes, surpreendentemente bem-humorada. Em *Anjos de Pijama* (2006) – título do qual, em termos semânticos, se desprende uma certa doçura, mas a qual não falta um toque de irrisão – Matilde Rosa Araújo dá a conhecer uma poesia que se mantém fiel aos seus motivos e temáticas de sempre: os animais, a Natureza, a infância, as suas brincadeiras, fazeres-de-conta e pequenas aventuras... Mas esta poesia permite escutar alguém que se compraz, mais e mais, no que chama as suas “falas de menina” (p. 21). Dito de outro modo, alguém que investe em versos de desarmante simplicidade, quase ingénuos, como se o sujeito buscasse agora a identificação da sua linguagem com o próprio discurso infantil. São todavia versos a que não faltam os recursos habitualmente presentes nos textos que a autora destinou às crianças mais pequenas, como acontecia em *O Livro da Tila*: o diminutivo e a metáfora afectiva, o jogo da aliteração e da assonância, as embaaladoras redundâncias fónicas, por vezes a entrega à métrica por excelência da poesia popular, o verso de redondilha maior. E, mais uma vez, reencontra-se o traço de Maria Keil, a ilustradora que melhor soube interpretar visualmente a atmosfera das composições poéticas de Matilde Rosa Araújo. De sensibilidade apurada e minimal, fascinada pela idade infantil e exaltando a comunhão com a Natureza e os seus seres, franciscana por excelência (até nos recursos poéticos), esta poesia leva-nos a redescobrir o prazer de existir e de ler.

Pertencente à geração de Castrim e de Matilde Rosa Araújo, mas provindo de um campo ideológico oposto, António Manuel Couto Viana (1923-) possui, em relação a Castrim, distintas raízes em termos literários, que basicamente são as do grupo de poetas que, advogando o primado do poético e das suas formas relativamente aos códigos ideológicos, conferiram atenção especial às artes poéticas e às questões da linguagem e foram ao encontro das raízes do nosso lirismo, tendo encontrado, na década de 50, veículos privilegiados de expressão e de crítica nas revistas *Távola Redonda* e *Graal*. Depois

de ter publicado *Versos de Cacaracá* (1984) e *Versos de Palmo e Meio* (1994), Couto Viana propõe, em *Bichos Diversos em Versos* (2008), catorze composições que, além de virem enriquecer a tradição dos bestiários poéticos – pois o universo animal funciona como elo coesivo do livro – exploram o jogo poético, a vertigem rimática e as potencialidades do humor, sobretudo a partir dos nomes dos animais, dos seus elementos mais estereotipados, da tradição literária oral e popular que é aqui recriada e, às vezes, subvertida, para além de outras referências intertextuais.

Destaque-se o caso singular da escritora Teresa Rita Lopes (1937-) que, oriunda do ensaísmo de matriz universitária e responsável por diversos livros de poesia e textos dramáticos – na sua maioria de publicação tardia, se tivermos em conta o seu percurso de vida e de criação –, assina a colectânea de textos poéticos e narrativos *Jogos: versos e redacções para todas as idades* (2001). A obra distingue-se pela forma como a autora, partindo de um mote particular, o desenvolve, recriando, a partir dele, múltiplas variações. Assim, o sujeito poético assume um papel particular, o de avó de cinco netos com os quais partilha as férias, muitas aventuras e uma curiosa e singular proximidade afectiva que se estende à Natureza e ao meio envolvente. Os cinco primos são os protagonistas de textos que decorrem da observação privilegiada do sujeito poético e do seu olhar sobre a infância, presente e passada, numa tentativa de, através da palavra, fixar instantes e cumplicidades dificilmente traduzíveis e verbalizáveis. Fluente e cativante, a escrita traduz, também com recurso ao jogo e à linguagem, um universo muito particular onde a casa e o jardim que a envolve se constitui como elemento central. Com desenhos de Mário Botas, a publicação vê sublinhada a sua dimensão estética, constituindo uma obra de referência desta autora.

Inscrita no grupo de autores que, nos anos 60, trouxeram a lume as suas primeiras experiências literárias (e, por isso, mais disponível porventura para exprimir, aqui e acolá, uma visão muito crítica em relação a certos aspectos mais negativos da sociedade contemporânea), evidenciando, por outro lado, influências da tradição anglo-

saxónica no que à literatura para crianças diz respeito, Luísa Ducla Soares (1939-) continua a editar colectâneas de poesia onde o jogo é uma das matrizes estruturantes. No seguimento de obras como *A Gata Tareca e Outros Poemas Levados da Breca* (1990), o livro *A Cavalinho no Tempo* (2003) caracteriza-se por uma grande diversidade dos temas e dos motivos literários recriados. A coesão da publicação é sustentada pela exploração sábia e experiente de efeitos sonoros e rítmicos, conduzindo a uma leitura da poesia (e da literatura) como jogo. As composições, geralmente dominadas por versos curtos, percorrem áreas como a família, as brincadeiras e até as consequências da guerra, sem esquecer questões actuais como o computador ou os bebês-proveta, incentivando a curiosidade do leitor infantil sobre o que o rodeia. Por seu turno, *Abecedário Maluco* (2004) é uma obra composta por vinte poemas e se, do ponto de vista formal, encontramos textos que seguem de perto algumas estruturas da lírica tradicional (com o predomínio da quadra e da rima cruzada, por exemplo), as temáticas que aí são versadas apresentam-se profundamente actuais, sendo propostas no já habitual tom humorístico e coloquial e piscando, portanto, o olho ao leitor, que acaba por (se) reconhecer com surpresa nalguma coisa do que lê. A ludicidade que observamos em muitos poemas da colectânea revela-se através de diversos jogos de palavras e de fonemas e, ainda, na construção humorística para a qual contribui, não raras vezes, o aspecto “nonsensical” que caracteriza alguns textos. Nalguns casos, detectamos mesmo a influência dos trava-línguas e das canções populares. Conjugam-se, assim, nesta obra, uma cativante componente sonora, humor e, ainda, um discurso plástico muito colorido, elementos particularmente capazes de cativar leitores principiantes. No domínio da ecopoesia, assinala-se a publicação dos volumes *O Planeta Azul* (2008) e *O Mar* (2008), percorridos pela sugestão ambiental e pela denúncia do comportamento pouco respeitador do Homem.

António Torrado (1939-) pertence à mesma geração de Luísa Ducla Soares e, tal como esta autora, foi permeável, na sua escrita para adultos, a um certo movimento de renovação da escrita poéti-

ca que ganhou corpo nas publicações do grupo conhecido como Poesia 61 (Gastão Cruz, Fiamma Hasse Pais Brandão, Luísa Neto Jorge e outros), o qual, entre outros traços, e devido a certa influência do estruturalismo e de uma nova crítica mais centrada na materialidade linguística do texto, soube revalorizar as questões do rigor da linguagem e da forma na poesia, sem contudo alienar a relação da escrita com o real. Sente-se, de algum modo, o eco dessas preocupações na cuidada prosa narrativa e dramática de Torrado, que é, sobretudo, conhecido pela sua arte de grande inventor e contador de histórias, pela recriação de contos tradicionais e pelas suas numerosas e conseguidas peças de teatro para a infância. Com incursões esporádicas na poesia, sobretudo recentes, reedita, em *À Esquina da Rima Buzina* (2006), poemas anteriormente musicados por artistas da música popular urbana, a par de outros escritos para obras colectivas ou isoladamente publicados em volumes de pequeno formato. Do conjunto emergem os traços peculiares da poética do autor, designadamente o culto do insólito, um humor refinado (veja-se, por exemplo, o caso dos problemas de digestão sentidos por um abutre a quem um doutor condor recomenda a não ingestão de alimentos frescos (pp. 27-31)), uma propensão lúdica herdada de um fundo conhecimento dos jogos verbais e “rimas infantis” da tradição oral, aqui e acolá uma crítica divertida a aspectos sociais da actualidade e ainda a frequente personificação do animal. Registe-se, além do mais, a preferência por uma certa narratividade, num conjunto de poemas em que a dimensão lírica não deixa contudo de estar presente, como sucede numa das raras alusões, na nossa literatura para a infância, à dramática realidade da Guerra Colonial, em que Portugal esteve envolvido durante os anos 60 e até Abril de 1974: o poema “O vapor que vai” (pp. 85-86). Os elementos fundamentais desta poética mantêm-se em *Como quem Diz* (2005), cerca de três dezenas de poemas caracterizados pela brevidade da forma e da métrica, muitas vezes construídos a partir de trocadilhos e jogos de palavras e privilegiando uma forma dialogada. Ao explorar literariamente objectos ou conceitos do quotidiano, Torrado constrói com

humor situações improváveis em que se confrontam opostos como o bacilo e o antibiótico ou a baqueta e o tambor.

Enquadráveis já em gerações posteriores – as dos autores que se revelariam a partir dos anos 70 e, sobretudo, após o fim da ditadura salazarista-marcelista, isto é, em tempo de liberdade – são, por exemplo, Manuel António Pina, Alice Vieira, Álvaro Magalhães e José Jorge Letria, todos eles profundos conhecedores dos “clássicos” da literatura *tout court* e dos da literatura para a infância e a juventude, em particular, sobretudo os oriundos dos espaços anglo-saxónico, francófono e hispânico – o que deixa rastros visíveis na escrita de cada um deles. Na esteira de Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, António Torrado, Maria Alberta Menéres, Luísa Ducla Soares e outros, tanto Pina e Alice Vieira, como Magalhães, Letria e alguns mais são responsáveis pela reconhecida evolução qualitativa e diversidade genológica que a escrita portuguesa para crianças e jovens conheceu entre finais da década de 70 e o final do milénio.

A sugestão temática proporcionada pelo inesgotável universo animal serve de mote a Alice Vieira (n. 1943) na arquitectura de *A Charnada da Bicharada* (2008). Em registo consideravelmente diferente daquele a que nos habituou ao longo de quase 30 anos de publicação na área infanto-juvenil (a narrativa juvenil e a adaptação e recriação do conto popular), Alice Vieira dá à estampa, com originais e sugestivas ilustrações de Madalena Matoso, um conjunto de poemas que colocam, aos seus leitores, o desafio de descobrir qual a espécie animal que referem. As imagens de Madalena Matoso actuam em complemento com o texto, dando pistas para a identificação do animal, mas mantendo também a surpresa e o mistério que caracteriza os poemas. Numa linguagem fluente, de nítido recorte lírico, o sujeito poético revisita o rico imaginário animal, desafiando os leitores a jogarem com ele um divertido jogo de escondidas onde a poesia e o humor ocupam um papel de relevo.

Marcada pela singularidade, a obra de Manuel António Pina (1943-) publicada no período de tempo em apreço, *Pequeno Livro de Desmatemática* (2001), distingue-se pela forma como o autor,

com uma linguagem inconfundível, caracterizada pelo humor, pelo jogo de palavras e conceitos e pela subversão, constrói uma poética capaz de divertir e estimular a reflexão. Trata-se de uma obra onde o jogo é dominante, cruzando-se, aqui, dois planos, o da ficção e o da matemática, ciência exacta com cujos conceitos o poeta brinca. Também os jogos de palavras ou a reinvenção verbal, o paradoxo, a paronímia servem este universo desautomatizado em que figuras da matemática, algarismos e sinais são tratados como pessoas, que vivem de sonhos e deixam escapar os seus sentimentos e as suas fraquezas. Imaginação e ciência são, pois, os ingredientes fundamentais desta colectânea, porque “o importante não é ser a matemática um jogo: é mostrar-nos que também o mundo é um jogo...”.

Digna de registo – e merecedora de destaque individualizado – é ainda a produção poética de Álvaro Magalhães (n. 1951) (leia-se *O Limpa-Palavras e Outros Poemas*, 2000, e *O Brincador*, 2005), caracterizada por uma escrita desafiadora, muitas vezes de pendor filosófico, assente em temas (o tempo, a morte, o amor...) e motivos pouco habituais no universo da literatura para crianças, o que configura um sinal de rara originalidade ao mesmo tempo que abre, de forma considerável, o leque dos potenciais receptores.

Os textos de Luís Infante, pseudónimo usado por José Jorge Letria (1951-) para assinar a colectânea *Poemas Pequeninhas para Meninas e Meninos* (2003), caracterizam-se pela brevidade e por uma aposta evidente na sua componente sonora e rítmica. Marcados em grande parte pela primeira pessoa ou assumindo uma vertente oral, às vezes dialogada, os textos dão conta de aspectos particulares da infância, como a proximidade com a Natureza e a identificação com determinadas espécies animais, para além da ligação à família e da revisitação de rotinas como o sono e o sonho. Letria, um dos autores que mais títulos têm editado no domínio da poesia, distingue-se por percorrer vias formais de cunho mais tradicional, a par de diferentes e, por vezes, inusitados caminhos. Num dos seus títulos mais recentes, *Novas Rimas Traquinas* (2008), na linha de dois anteriores com características semelhantes (*O Livro das*

Rimas Traquinas (1992) e *Uma Mão-Cheia de Rimas para Primos e Primas* (1996)), propõe-nos composições que, além de conterem, aqui e acolá, reflexões metapoéticas e explícitas alusões intertextuais e interartísticas, não só despertam no leitor adulto a memória das *nursery rhymes* e das *children's rhymes* da tradição anglo-saxónica, como trazem igualmente à lembrança os *limericks* de um dos mestres vitorianos do *nonsense*, Edward Lear (conquanto encarem de modo descomprometido as constrações formais do género). Noutro dos seus livros de poesia mais felizes, *Letras & Letrias* (2005), admiravelmente ilustrado por André Letria, o mesmo poeta deixa-se tentar pela gregueria, esse género poético (quase impossível de definir sem recurso a uma problematização teórica mais ampla, inviável nesta panorâmica) que devemos ao grande escritor espanhol pós-simbolista Ramón Gómez de la Serna (1888-1963), cujo magistério permite a Letria arrancar um significativo conjunto de textos breves, bem-humorados, a que não falta a crítica a comportamentos sociais.

A mesma geração de Letria e Magalhães pertence Vergílio Alberto Vieira (1950-). Com influências da literatura popular, nomeadamente das suas formas tradicionais, a produção poética deste autor caracteriza-se também pela vertente lúdica associada ao culto da palavra nas suas múltiplas dimensões. A denúncia e a crítica social presentes em alguns textos articulam-se com o tratamento de temáticas ligadas à revisitação da Natureza e ao tratamento da infância, para além da valorização do imaginário. Nesta linha poética, leiam-se *Do Alto do Cavalo Azul* (2000), *Para Chegar a uma Estrela* (2005), *Os Livros dos Outros* (2006), *A Pulga atrás da Orelha* (2006), *A Boca no Trombone* (2008), *A Escola dos Disparates* (2007), *O Meu Sonho É Maior do que O Teu* (2008) e *Cinema Garrett* (2008).

José Fanha (1951-), por seu turno, em *Cantigas e Cantigos* (2004), seguindo umas das tendências mais marcantes da poesia contemporânea, recria algumas das rimas infantis de maior divulgação. Quase todos vocacionados para crianças muito novas, os poemas, regra geral manifestamente “musicais”, desenvolvem-se a partir da articulação de segmentos literários como os trava-línguas e as lengalengas,

por exemplo, e de outros nascidos da criatividade do poeta, que acentua o carácter lúdico da língua através de repetições estruturais (paralelismos anafóricos) e fonéticas (aliterações e assonâncias).

Consideremos, de seguida, a geração dos autores que, nascidos entre meados da década de 50 e o início dos anos 60, viveram o fim da adolescência e o princípio da idade adulta por altura da Revolução de Abril, tendo chegado à escrita para a infância (um ou outro tardiamente) num período em que esta já assumia, na vida cultural portuguesa, inegável relevância estética, educativa e social e na sequência da publicação de um importante e diversificado núcleo de obras, durante a década de 80, tanto nas áreas do conto e da recriação de histórias tradicionais, como nas da poesia, do texto dramático e da novela e do romance juvenis.

Começemos por dois casos peculiares, os de Amadeu Baptista e de Luísa Costa Gomes, por serem autores oriundos da chamada literatura para adultos (respectivamente da poesia e da narrativa de ficção), com incursões esporádicas e relativamente tardias na escrita para os mais novos.

Amadeu Baptista (1953-) é tocado, como outros, pela temática animal em *Os Cavalos a Correr* (2008), passando em revista algumas das figuras equídeas da tradição cultural, literária e artística, recriando o significado simbólico da espécie e a sua recorrência nas produções humanas ao longo dos tempos. Em verso livre ou com recurso à rima, o poeta reescreve, afinal, a sua visível atracção por uma espécie que, de tempos a tempos, vai marcando as poéticas de diferentes escolas e correntes.

Colectânea de trava-línguas reinventados por Luísa Costa Gomes (1954-) a partir de motes conhecidos da tradição oral ou fabricados a partir de sugestões sonoras de palavras de difícil articulação, *Trava-línguas* (2006) sublinha a importância da vertente lúdica da literatura para a infância, propondo jogos divertidos a partir das palavras e permitindo aos leitores/ouvintes a recriação dos textos (incluindo a sua continuação). Com um grafismo muito cuidado, igualmente alvo de jogo visual próximo do da poesia experimental,

a que se juntam as originais ilustrações de Jorge Nesbitt, a publicação em questão também valoriza a dimensão oral da literatura, sem esquecer que, atrás do jogo e do humor, vêm sempre pequenas histórias especialmente criadas a pensar nos mais pequenos. A mesma autora editara, um ano antes, *A Galinha que Cantava Ópera* (2005), obra onde se coligem divertidas narrativas em verso protagonizadas por animais e um dos aspectos que prende a atenção, relativamente a estas personagens em que se centram os doze poemas, é a sua configuração humana, como avança o próprio título.

Precoce e desaparecida, Teresa Guedes (1957-2007), além de alguns volumes no âmbito da escrita criativa e da pedagogia da poesia, deixou-nos três colectâneas de textos poéticos de particular interesse pela inventividade linguística e pela observação singular do mundo. Em *Em Branco* (2002), têm lugar de destaque as formas breves e muito breves, algumas com ressonâncias do *haiku*, propondo-se uma poesia da contenção e da sugestão. Além disso, a poesia resulta, em muitos textos, de uma ligação próxima, mas original, ao quotidiano. A cor que dá título ao livro também funciona como elemento de coesão da publicação, assumindo-se como prisma através do qual o real é observado e recriado. Mas é inevitável a conotação simbólica da cor escolhida, associada à pureza e também à infância, orientando a colectânea para um universo facilmente associado ao inefável e ao etéreo. Obra dedicada aos jovens e aos mais crescidos, *Real...mente* (2005) constitui um exercício poético singular em torno das palavras e dos conceitos que elas designam, sublinhando a magia da linguagem e revelando, por parte da autora, uma especial capacidade de olhar o mundo a partir da perspectiva da criança. Os temas são muito variados e contemplam inúmeros aspectos do quotidiano, incluindo a família e a escola. Os textos destinados aos mais crescidos revelam influências da poesia visual e concreta, ao mesmo tempo que revisitam universos clássicos, como é a questão do tratamento da temática amorosa. Inclui ilustrações de Rachel Caiano, marcadas pela subtilidade com que se articulam com os textos, que confirmam Teresa Guedes como uma das mais originais poetisas

portuguesas contemporâneas. Por último, *Tu Escolhes* (2007), na esteira dos dois volumes anteriores, agrupa um conjunto de textos poéticos – em verso e em prosa – percorridos por diferentes temas, onde é visível a centralidade da palavra, trabalhada em termos visuais e gráficos, sonoros e semânticos. A par de poemas visuais, na esteira dos caligramas, encontramos outros textos de cariz experimental, motivados por temas ligados aos afectos, ao sono (ou falta dele) e aos sonhos e à própria metapoesia. As ilustrações de Rita Oliveira Dias, quase em jeito de apontamentos visuais, comentam e acompanham os textos, dialogando com eles.

A produção poética de João Pedro Mésseder (1957-), não esgotando nos jogos fónicos o seu sentido, também promove, muitas vezes, uma reflexão sobre as palavras, a sua componente sonora, a sua forma e os seus significados. Este autor publicou textos, em prosa e em verso, para o público mais jovem, que se caracterizam pela novidade do olhar face ao universo infantil, simultaneamente inaugural e questionador, capaz de motivar uma observação atenta e demorada dos leitores. A sua obra literária de potencial recepção infantil caracteriza-se ainda, em linhas muito gerais, pela novidade com que o autor revisita temas e motivos da tradição, ao mesmo tempo que recria a linguagem poética, cruzando influências diversificadas e manifestando uma voz interventiva que reflecte sobre o mundo e sobre os homens. Em obras como *De que Cor É o Desejo?* (2000), *À Noite as Estrelas Descem do Céu* (2002), *O g é um Gato Enroscado* (2003), *Palavra que Voa* (2005), *Vozes do Alfabeto* (2007) ou nos *Breviários do Sol* (2002) e *da Água* (2004), estes em co-autoria com Francisco Duarte Mangas (1960-), é possível perceber como a poesia se transforma em espaço privilegiado para a experiência linguística, exercitando a desautomatização da linguagem e explorando a sua capacidade criadora e inventiva, capaz de propor novas designações para as coisas ou novas realidades para os nomes. Unidos pela sugestão matemática, que o título também cristaliza, os poemas que João Pedro Mésseder agrupa em *Versos Quase Matemáticos* (2008) brincam com os números, as operações matemáticas e a herança tra-

dicional, recriando, com a originalidade e a criatividade que o caracteriza, formas e fórmulas da literatura oral. As rimas infantis, os trava-línguas e os jogos de palavras servem de ponto de partida para a construção de textos onde a linguagem e as suas inúmeras possibilidades (visuais/gráficas, sonoras, melódicas, semânticas) são exploradas com humor e com a exigência a que nos habituou. Ora adicionando elementos, ora promovendo subtrações, multiplicações e divisões, os textos brincam com as operações matemáticas e também com temas como os animais, os jogos infantis, a família, a Natureza e o calendário, sem esquecer a influência de uma certa nonsensicalidade que também sublinha a dimensão humorística da edição.

Na esteira de *Sal, Sapó, Sardinha* (1996), António Mota (1957-) publica *Onde Tudo Aconteceu* (2001), obra onde reúne dezassete poemas breves, em discurso próximo da coloquialidade e marcado por uma evidente sensorialidade, um olhar sempre novo sobre a Natureza e o quotidiano, pleno de pequenos episódios. O poema com que o livro abre, “Onde tudo aconteceu”, “empresta-lhe” o título e introduz o pequeno leitor num cenário e/ou num contexto que lhe é familiar: o de um passeio escolar. A colectânea fecha precisamente com um texto acerca das férias (“As férias batem às portas”), parecendo, portanto, colocar o destinatário extratextual num lado oposto à realidade apresentada inicialmente, numa espécie de arquitectura circular. *Lá de Cima Cá de Baixo* (2008) colectânea expressivamente ilustrada por Teresa Lima, guarda treze poemas nos quais, à semelhança do que acontece na maioria das narrativas assinadas pelo autor, o cenário natural e as figuras animais possuem um significativo relevo. Com títulos “enigmáticos”, apenas decifráveis numa fase já avançada do texto, os poemas, sempre num ritmo vivo e num registo frequentemente pontuado por marcas de narrativa mais variados, que, por vezes, interagem, de forma próxima, com o sujeito poético. A comparação, a antítese, a metáfora, a enumeração, a adjectivação, o paralelismo de construção, a repetição, bem como as sugestões sensoriais, entre outros, são os ingredientes fundamen-

tais de um apelativo discurso poético, expressivamente iluminado por uma atraente componente pictórica.

Atente-se, igualmente, pela originalidade dos seus textos, na produção poética de Jorge Sousa Braga (1957-). Depois de *Herbário* (1999), na colectânea *Poemas com Asas* (2001), encontramos uma transposição livre para português de um conjunto de poemas de diferentes autores (além de alguns originais de Jorge Sousa Braga) percorridos, sobretudo, pela temática animal. Esta, contudo, é tratada com especial originalidade, pela perspectiva seleccionada, revelando um olhar atento aos pormenores e um espírito bem-humorado, revelando facetas desconhecidas ou inusitadas do mundo animal. *Pó de Estrelas* (2004) constitui uma revisitação poética do universo e de algumas das suas noções. Tomando como ponto de partida o cosmos e a própria astronomia, o sujeito poético recria poeticamente temas científicos, propondo leituras alternativas da realidade. Um pouco à semelhança do que já ocorrera com *Herbário*, trata-se, de alguma forma, de mostrar como todos os temas podem conhecer tratamento literário, interseccionando ciência e literatura – e abrindo naturalmente caminho para eventuais abordagens interdisciplinares, em contexto escolar.

Estreia tardia na literatura para a infância é a de Maria da Conceição Sousa Vicente com a edição de uma colectânea de onze composições poéticas destinadas ao público infantil, *Bichos Faz-de-conta*, onde agrupa poemas nos quais a temática animal é alvo de uma recriação que combina o jogo linguístico, o humor e a tradição. Claramente de gosto infantil, pelo jogo sonoro, vocabular e rítmico, os poemas brincam ainda com o grafismo e o design, recorrendo a procedimentos próprios da poesia concreta e visual. A temática animal, as referências intertextuais – a Camões mas também à memória da tradição oral – a adopção, em vários textos, de uma estrutura narrativa são outras das características de uma publicação que conta ainda com ilustrações que exploram a tridimensionalidade inerente à composição dos diferentes elementos.

Em *Palavras para Lavras* (2002), de Alexandre Honrado (1960-) – autor que tem cultivado preferencialmente o conto e a narrativa

juvenil –, os eixos ideotemáticos dominantes resultam da recriação poética de elementos da natureza, alvo de personificação; da família e dos afectos; da crítica social e da constatação dos males do mundo, como a guerra, a falta de liberdade e o sofrimento infantil. Paralelamente, é possível descobrir poemas de cariz mais lúdico, ligados aos jogos de sons e de palavras, explorando combinações originais. Predominam os textos longos, de métrica e rima variáveis.

Um dos mais talentosos poetas da nova geração de escritores, Nuno Higinio (1960-) destaca-se pela forma intensamente lírica como combina uma atenta observação da realidade que o rodeia com a simplicidade de um registo que, ora deslumbrado, ora próximo da ingenuidade infantil, a capta e recria. Na colectânea *O Menino que Namorava Paisagens* (2001), para além do conto que empresta o título ao livro, reúnem-se 20 poemas que revelam uma particular atenção do sujeito poético pelo universo natural e animal. A perspectiva adoptada encerra também uma afectividade que as palavras exalam e que percorre muitos dos textos. Particularmente atento à questão rítmica e melódica, o poeta socorre-se de formas simples e de medidas tradicionais, combinando, ainda, narração e diálogo. Em *Todos os Cavalos... e mais Sete* (2003), o poeta revisita a figura do cavalo em todo o seu poder de sugestão simbólica, a partir de desenhos de Álvaro Siza, a cuja obra arquitectónica tem aliás dedicado a sua atenção de ensaísta, no campo da estética. *Versos Diversos* (2008), por seu turno, é uma colectânea de textos de diferentes temáticas que, em comum, têm o jogo com a linguagem e a procura de dar voz e sentido a um conjunto de preocupações e interesses infantis. O jogo e o humor são outros ingredientes importantes que se combinam com a exploração das palavras, tanto em termos da sua forma como do seu significado, promovendo leituras lúdicas dos textos.

Pertencendo a uma novíssima geração de escritores que, muito recentemente, começaram a editar livros para crianças e, em especial, poesia, destaca-se o caso de João Manuel Ribeiro (1968-). Em 2008, vieram a lume duas colectâneas da sua autoria onde é visível

a ligação a uma matriz tradicional, que o poeta reinventa e recria, apostando na dimensão lúdica, presente nos jogos de palavras, sons e sentidos de textos que percorrem vários temas e motivos, com especial atenção para o universo animal. É o caso de *Poemas da Bicharada* (2008), colectânea devedora da herança das rimas infantis, dos trava-línguas e das lengalengas. Explora, além disso, uma dimensão humorística relacionada com os jogos de palavras, no que diz respeito aos sons, grafias e sentidos. Claramente de gosto infantil, os textos tratam de espécies animais caras às crianças, promovendo a identificação fácil. A opção por formas breves sublinha a dimensão musical e melódica de muitos textos, incentivando a sua recriação oral. Por seu turno, *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas* (2008) valoriza a componente sonora dos textos, assim como a rítmica e melódica, explorando todas as suas potencialidades lúdicas, sobretudo as assentes na própria linguagem.

Reserve-se ainda uma referência especial para os livros de cariz antológico publicados no período temporal em questão que possuem alguma tradição em Portugal (releiam-se as linhas iniciais da presente panorâmica), mas não a que seria desejável. Vejam-se, no entanto, as antologias resultantes da actividade musical do Bando dos Gambozinos, pela colaboração de um vasto e significativo leque de autores, muito representativo do panorama poético de potencial recepção infantil, a que se junta a qualidade das composições e arranjos musicais, audíveis nos CDs que acompanham os livros. Refiram-se, especificamente, os casos de *A Casa do Silêncio – Bando dos Gambozinos. 25 anos “tantas maneiras de ver e viver”* (2000) e *Com Quatro Pedras na Mão – O Porto cantado por crianças e jovens* (2008). A primeira, de temática muito variada, celebra os 25 anos de existência do grupo O Bando dos Gambozinos, dirigido por Suzana Ralha e Rui Pereira, e conta com a participação, entre outros, de Manuel António Pina, Luísa Ducla Soares, Matilde Rosa Araújo, João Pedro Mésseder, Regina Guimarães e Álvaro Magalhães. Os 18 poemas que integram a segunda colectânea partilham como tema poético a revisitação/recriação da cidade do Porto, per-

correndo o imaginário e também o espaço físico e lendário daquela cidade, das suas gentes, da sua paisagem e simbolismo. Habitualmente conotada com o granito das muralhas, a dureza das gentes e da sua pronúncia, a cidade vê-se recriada pelos olhos de Filipa Leal, João Pedro Mésseder, Joaquim Castro Caldas, Jorge Sousa Braga, José Mário Branco, Luís Nogueira, Luísa Ducla Soares, Matilde Rosa Araújo, Rui Pereira e Emílio Remelhe, cujas ilustrações dão expressão simbólica aos textos, cristalizando com subtileza (e também como poesia visual), os motivos principais²⁹.

Relevante pelo número de edições que já conhece e pelo conjunto muito significativo de autores e textos de qualidade que integra, destaque-se, com coordenação de José António Gomes, a colectânea *Conto Estrelas em Ti* (2000). O volume reúne dezassete vezes poéticas, destinadas à infância e à juventude, num total de cinquenta e um poemas, assinados por autores de reconhecido mérito, como Álvaro Magalhães, António Mota, António Torrado, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Maria Alberta Menéres, Mário Castrim ou Vergílio Alberto Vieira, só para citar alguns, sendo possível detectar, nestes textos, alguns motivos ou linhas ideológicas comuns. Um número considerável de textos centra-se na Natureza, incidindo quer sobre o mundo aquático, quer sobre o espaço terrestre e alguns dos seus respectivos elementos. Daí que surjam poemas dedicados a uma sereia, a um rio ("Sereia" e "O rio Alva" de Mário Castrim), a uma barca ("A barca" de Papiniano Carlos) ou a um búzio ("À volta de um búzio", de Maria Alberta Menéres), a par com outros consagrados a um gato ("Onde está o gato?" de Luísa Ducla Soares), a um cão ("O cão e os provérbios" de Raul Malaquias Marques, "O cão desdentado" e "Cão geriátrico" de Ana Saldanha), a uma árvore ("Árvore" de Luísa Dacosta), às rosas ("Rosas bravas" de António

29. Dentro desta linha do livro acompanhado pela versão musicada dos poemas, destaquem-se ainda as edições de *O Segredo Maior – Canções a Brincar* (2006), de João Loio, e *Sementes de Música* (2008), de Ana Maria Ferrão e Paulo Ferreira Rodrigues, só para dar mais dois exemplos significativos pela qualidade literária e musical que os caracteriza.

Mota) ou a uma romã ("A romã" de Francisco Duarte Mangas). De notar o pendor narrativo das composições poéticas "Romance de uma menina chamada Kative" (Fernando Miguel Bernardes), "A Moeda" (Mário Castrim) e "A Janela e o Barco" (António Torrado). José António Gomes é igualmente o organizador de uma antologia de textos poéticos de Fernando Pessoa, *Poesia de Fernando Pessoa Para Todos* (2008), onde é possível encontrar uma selecção de textos daquele poeta modernista português capaz de suscitar o interesse de leitores distintos, para além de incluir textos que Pessoa escreveu especificamente³⁰ a pensar no público infantil. De referir as originais ilustrações de António Modesto que intencionalmente dialogam com a arte vanguardista do tempo de Pessoa (o cubismo, a pintura de Amadeo de Souza Cardoso, de Almada Negreiros, etc.).

Na esteira da edição de *Primeiro Livro de Poesia* (1991), da autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen, Alice Vieira publica *O Meu Primeiro Álbum de Poesia* (2008), um exemplo de como é possível conviver, desde idades precoces, com textos poéticos de qualidade, com a assinatura de autores conceituados, de tempos e de correntes estéticas muito variadas. Meio eficaz de promoção do gosto

30. Veja-se, igualmente, de Fernando Pessoa, a edição, em 2006, de *Poema Pial*, livro composto, em exclusivo, pelos versos de um dos poemas que integram o conjunto *Canções para acordar crianças (poemas para Lili)*, o pequeno núcleo de composições que o autor destinou aos mais novos. O texto, em estrutura paralelística e composto por doze dísticos em rima emparelhada, baseia-se numa sequência numérica, de um a dez. O fundo *nonsensical* e absurdo, a suscitar o riso, domina todo o poema. As ilustrações de Manuela Bacelar, cromaticamente muito fortes, jogam com figuras geométricas, aproximando-se de alguns esquemas da pintura modernista (por exemplo, do cubismo). Nestas, surgem inseridos segmentos visuais representativos do próprio autor, como excertos de fotografias e de desenhos bastante conhecidos. Apesar de não funcionar exclusivamente como uma colectânea de poesia deste autor, merece-nos referência a edição de *O Meu Primeiro Fernando Pessoa* (2006), de Manuela Júdice, obra destinada a aproximar os jovens leitores actuais da vida e obra do grande poeta português da Modernidade. Para além da inclusão da biografia do poeta, explicando a especificidade da sua personalidade e da sua obra, o livro inclui uma excelente selecção de poemas do autor, claramente acessíveis aos leitores preferenciais e que revelam facetas menos conhecidas do poeta modernista, incluindo alguns dos seus textos de potencial recepção infantil.

pela palavra revestida de poesia, pela palavra matéria de jogos fonéticos, rimáticos e semânticos, esta colectânea guarda poemas da autoria de Camões, Garrett, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa, Miguel Torga, Mário Castrim, Eugénio de Andrade, Natércia Rocha, Ruy Belo, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, entre muitos outros. Se, em alguns casos, se observa a ligação do autor a um universo literário preferencialmente vocacionado para crianças e jovens, em muitos outros, essa situação não se verifica, porque o que importa aqui é o convívio com uma diversidade temática e uma riqueza estilística que são factores determinantes no desenvolvimento do gosto pela poesia, e em termos mais latos, da sensibilidade estética, para a qual contribui também a inovadora componente pictórica assinada por Danuta Wojciechowska que, aliás, nesta obra, recorre a técnicas distintas daquelas a que habitualmente lança mão.

Conclusões

Com antecedentes nobres como os já mencionados no início deste trabalho, a poesia contemporânea caracteriza-se, do ponto de vista ideotemático, pelo olhar poético, e transfigurador, sobre o real, no qual se integra o espaço físico e social, incluindo a Natureza e/ou cidade, a família, a escola, entre outros igualmente relevantes no universo infantil. Distingue-se ainda pela presença da temática animal ou pela frequente utilização dos bichos, no registo decorrente da prosopopeia, para abordar as pequenas ou grandes questões humanas (*A Cor do Céu: poemas com história e histórias em poema* (2005), de João Paulo Seara Cardoso (1956-), não mencionado no corpo principal desta panorâmica, é apenas um dos muitos exemplos que poderiam ser apontados). Lê-se ainda a valorização da amizade e da alegria, mas também o tratamento de sensações de perda e de emoções ou sentimentos como a tristeza e a nostalgia do “paraíso perdido” da meninice. A tematização da liberdade e da actividade lúdica e imaginante, bem como da tensa relação entre os modos infantis de

estar no mundo e o universo dos adultos constituem outros traços a apontar. Por outro lado, e na esteira de vozes mais antigas (como as de Sidónio Muralha, Maria Cândida Mendonça, Matilde Rosa Araújo e outras), a denúncia das contradições sociais tem, aqui e acolá, conquistado algum terreno. São também recorrentes os textos que apostam numa dimensão *nonsensical*, com aproximações ao absurdo e ao insólito, decorrentes de jogos linguísticos (fónicos, semânticos, metafóricos) que promovem, também, o humor e a subversão. O apontamento de cariz metalinguístico e metapoético, por seu turno, foi ganhando gradualmente expressão em composições esporádicas de diversos autores. Em termos enunciativos, o texto poético para crianças oscila entre a presença de uma voz adulta e a de uma voz infantil ou pretensamente infantil, as quais, no plano ideotemático, permitem ainda ler aproximações a questões ambientais, bem como às injustiças do mundo e até, aqui e acolá, à opressão, ao racismo e à guerra.

Cingindo-nos à esfera dos géneros e formas poéticas e às dimensões da linguagem e do código grafemático, diremos que, por vezes, a escrita para a infância, nessa imensa liberdade que é a sua, não alheia ao facto de ser uma criação escorraçada para as margens do campo literário e banida das histórias da literatura, tem conseguido em anos recentes reatar algumas experiências das vanguardas como o caligrama, a gregueria, o glossário de cariz surrealista, a visualidade da poesia concretista, etc., chegando a retomar, mais raramente, a tradição do poema em prosa e, por outra parte, fazendo ocasionais incursões na área do *haiku*.

Continuam a ser evidentes as influências populares e tradicionais que são revisitadas e recriadas, às vezes com subversões consideráveis, pelas composições contemporâneas, com particular destaque para formas como as lengalengas, os trava-línguas e outras “rimas infantis”, além dos provérbios (neste âmbito assinala-se, entre outros, o caso de *Provérbios Repentados* (2005), de 3za Éme, pseudónimo de Teresa Martinho Marques (1962-), que antes não tivemos ocasião de referir). Os autores recorrem com assiduidade à rein-

venção verbal, criando novos signos linguísticos e as novas realidades que eles designam. A construção dos textos, geralmente breves e manifestando muitas influências das formas codificadas (dístico, terceto, quadra, quintilha, redondilha), revela, igualmente, o culto de estruturas paralelísticas, como é o caso do refrão e de outras repetições internas. A vertente sonora, sobretudo nos textos destinados aos leitores mais pequenos, assume uma importância relevante, muitas vezes sublinhada pelas repetições de fonemas ou de combinações fonemáticas idênticas, recorrendo a aliterações, assonâncias e jogos de paronímia, investindo na criação de efeitos onomatopaicos, de jogos rimáticos e fomentando diversas sugestões fono-icónicas.

Além de reedições de algumas obras fundamentais de décadas anteriores (como as de Maria Alberta Menéres e António Torrado), constata-se, no período em apreço, a presença de alguns autores que, de forma assídua, começaram a publicar exactamente por esta altura (Méseder, Duarte Mangas, Teresa Guedes, Sousa Braga, Nuno Higinio) e que possuem em comum muitos aspectos, tanto formais como ideotemáticos (formas e géneros breves; presença recorrente da Natureza; uma certa dimensão interventiva, no que respeita às questões sociais/cívicas; centralidade da Palavra; cariz experimental de algumas composições, etc.). De registar ainda uma preocupação generalizada com o cuidado gráfico e artístico (plástico) das edições, visível em muitos dos livros de poesia editados entre 2000 e 2008.

O contacto precoce e assíduo com textos líricos de qualidade não só tem implicações evidentes ao nível do desenvolvimento linguístico da criança, aumentando a sua consciência fonológica, a capacidade articulatória e ajudando-a a ampliar as suas representações sobre a leitura e a escrita, como também se revela fundamental na ligação da criança ao contexto envolvente e também a uma cultura e a uma tradição que os textos poéticos revisitam e recriam. Além disso, assiste-se, por parte do texto poético destinado à infância, a uma valorização da dimensão oral da comunicação literária e artística, motivando o leitor para a percepção das vertentes estética e lúdica do fenómeno literário, assim como para o desenvolvimento

da leitura dos sentidos plurais de um texto, promovendo a compreensão leitora e o desenvolvimento de competências literárias absolutamente fundamentais.



Referências bibliográficas

- Araújo**, Matilde Rosa (2005), *Anjos de Pijama*, ilust. Maria Keil, Lisboa: Texto Editores.
- Bando dos gambozinos / AA VV** (2008), *Com Quatro Pedras na Mão – O Porto cantado por crianças e jovens*, ilust. Emílio Remelhe, Porto: Deriva.
- Baptista**, Amadeu (2008), *Os Cavalos a Correr*, ilust. Estela Baptista Costa, V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha.
- Braga**, Jorge Sousa (2004), *Pó de Estrelas*, ilust. Cristina Valadas, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Cardoso**, João Paulo Seara (2005), *A Cor do Céu: poemas com história & histórias em poema*, ilust. Júlio Vanzeler, Porto: Campo das Letras.
- Castrim**, Mário (2006), *A Moeda do Sol*, ilust. João Caetano, Porto: Campo das Letras.
- Éme**, 3za (2005), *Provérbios Repenteados*, ilust. Emílio Remelhe, Porto: Edições Eterogémeas.
- Fanha**, José (2004), *Cantigas e Cantigos*, ilust. João Fanha, Lisboa: Terramar.
- Gomes**, José António (coord.) (2000), *Conto Estrelas em Ti*, ilust. João Caetano, Porto: Campo das Letras.
- Gomes**, Luísa Costa (2005), *A Galinha que Cantava Ópera*, ilust. Pierre Pratt, Lisboa: Dom Quixote.
- Guedes**, Teresa (2002), *Em Branco*, ilust. Danuta Wojciechowska, Lisboa: Caminho.
- (2005), *Real... mente*, ilust. Rachel Caiano, Lisboa: Caminho.
- (2007), *Tu Escolhes*, ilust. Rita Oliveira Dias, Lisboa: Caminho.
- Higino**, Nuno (2001), *O Menino que Namorava Paisagens e Outros Poemas*, ilust. José Emídio, Porto: Campo das Letras.
- (2003), *Todos os Cavalos e... mais Sete*, ilust. Álvaro Siza, Marco de Canaveses: Cenateca.
- (2008), *Versos Diversos*, ilust. Ana de Castro, Vila Nova de Gaia: Trinta por Uma Linha.
- Honrado**, Alexandre (2002), *Palavras para Lavras*, ilust. João Caetano, Porto: Campo das Letras.
- Infante**, Luís (2003), *Poemas Pequenininos para Meninas e Meninos*, ilust. Carla Pott, Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Júdice**, Manuela (2006), *O Meu Primeiro Fernando Pessoa*, ilust. Pedro Proença, Lisboa: Dom Quixote.
- Letria**, José Jorge (2005), *Letras & Letrias*, ilust. André Letria, Lisboa: Dom Quixote.
- (2008), *Novas Rimas Traquinas*, ilust. João Fanha, Lisboa: Terramar.
- Lopes**, Teresa Rita (2001), *Jogos, versos e redacções*, ilust. Mário Botas, Lisboa: Presença.
- Magalhães**, Álvaro (2000), *O Limpa-palavras e Outros Poemas*, ilust. Danuta Wojciechowska, Porto: ASA.
- Mangas**, Francisco Duarte e João Pedro **Mésseder** (2002), *Breviário do Sol*, ilust. Geraldo Valério, Lisboa: Caminho.
- Mésseder**, João Pedro (2000), *De que Cor É o Desejo?*, ilust. José Miguel Ribeiro, Lisboa: Caminho.
- (2002), *À Noite as Estrelas Descem do Céu*, ilust. Emílio Remelhe, Porto: Campo das Letras.

- (2003), *O g É um Gato Enroscado*, ilust. Gémeo Luís, Lisboa: Caminho.
- e Francisco Duarte **Mangas** (2004), *Breviário da Água*, ilust. Geraldo Valério, Lisboa: Caminho.
- (2005), *Palavra que Voa*, ilust. Gémeo Luís, Lisboa: Caminho.
- (2007), *Vozes do Alfabeto*, ilust. João Maio Pinto, Porto: Deriva.
- (2008), *Versos Quase Matemáticos*, ilust. Catarina Fernandes, Coimbra: Pé de Página.
- Mota**, António (2001), *Onde Tudo Aconteceu*, ilust. Carla Pott, V. N. Gaia: Gailivro.
- (2008), *Lá de Cima Cá de Baixo*, ilust. Teresa Lima, V. N. Gaia: Gailivro.
- Pessoa**, Fernando (2006), *Poema Pial*, ilust. Manuela Bacelar, Porto: Afrontamento.
- (selecção e organização de José António Gomes) (2008), *Poesia de Fernando Pessoa para Todos*, ilust. António Modesto, Porto: Porto Editora.
- Pina**, Manuel António (2002), *Pequeno Livro de Desmatemática*, ilust. Pedro Proença, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ralha**, Suzana (dir. e coord.) (2000), *A Casa do Silêncio – Bando dos Gambozinos. 25 anos “tantas maneiras de ver e viver”*, Porto: Afrontamento.
- Ribeiro**, João Manuel (2008), *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas*, ilust. Anabela Dias, V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha.
- (2008), *Poemas da Bicharada*, ilust. Sónia Borges, V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha.
- Soares**, Luísa Ducla (2003), *A Cavalinho no Tempo*, ilust. Teresa Lima, Porto: Civilização.
- (2004), *Abecedário Maluco*, ilust. Joana Alves, Porto: Civilização.
- (2008), *O Planeta Azul*, ilust. Gisela Miravent, Porto: Civilização.

- (2008), *O Mar*, ilust. Pedro Sousa Pereira, Lisboa: Gatafunho.
- Torrado**, António (2005), *Como Quem Diz*, ilust. Ana Vidigal, Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2006), *À Esquina da Rima Buzina*, ilust. António Pilar, Lisboa: Caminho.
- Viana**, António Manuel Couto (2008), *Bichos Diversos em Versos*, ilust. Afonso Cruz, Lisboa: Texto Editores.
- Vicente**, Maria da Conceição Sousa (2008), *Bichos de faz-de-conta*, ilust. André da Loba e Margarida Botelho, Porto: Porto Editora.
- Vieira**, Alice (2007), *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*, ilust. Danuta Wojciechowska, Lisboa: Dom Quixote.
- Vieira**, Vergílio Alberto (2000), *Do Alto do Cavalinho Azul*, ilust. André Letria, Lisboa: Caminho.
- (2005), *Para Chegar a uma Estrela*, ilust. Cristiano Salgado, Lisboa: Caminho.
- (2006), *Os Livros dos Outros*, ilust. Cristina Robalo, Lisboa: Caminho.
- (2006), *A Pulga atrás da Orelha*, ilust. Cristina Robalo, Lisboa: Caminho.
- (2007), *A Escola dos Disparates*, ilust. Helena Nogueira, Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- (2008), *A Boca no Trombone*, ilust. Marta Madureira, Lisboa: Bonecos Rebeldes.
- (2008), *O Meu Sonho É Maior que O Teu*, ilust. Catarina Fernandes, Coimbra: Pé de Página.
- (2008), *Cinema Garrett*, ilust. Ana Bela Dias, V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha.